



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Alienação ambiental 2

Estamos assistindo a cenas estereotipadas de uma reprise ampliada do que ocorreu no ano passado no Rio Grande do Sul. Chuvas inclementes expulsando famílias de casas, pontes levadas pela avalanche de água em segundos, barragens transbordando. Até o fechamento desta coluna, 29 pessoas morreram e mais de 140 municípios foram atingidos pelas chuvas.

No ano passado, além da tragédia humana, as tempestades

provocaram prejuízos de R\$ 2 bilhões para o agronegócio. Enquanto isso, o que se viu na Amazônia foram desertificados, com os leitos reduzidos a um caminho de areia de onde subiam nuvens de fumaça.

E, neste ano, a dengue também proliferou de uma maneira jamais imaginada, chegando ao plano de uma epidemia, que quase provoca o colapso do sistema de saúde público e privado. As formas da enfermidade se tornaram muito mais severas.

Amigos, colegas e conhecidos adoeceram ou morreram pela doença. O Brasil foi o primeiro país do mundo a adotar a vacina contra o mosquito que causa o flagelo. Mesmo assim, ficamos e ainda estamos perigosamente sitiados pelo *Aedes*.

No momento em que escrevo, vejo na tevê que uma barragem estourou em Bento Gonçalves e o governo do Rio Grande do Sul decretou estado de calamidade pública. Por que está acontecendo isso no Rio Grande do Sul? Segundo os meteorologistas, as causas são a intensidade dos ventos, a umidade que se desprende da Amazônia e o bloqueio atmosférico que concentra a seca no centro do país e leva a chuva para os extremos do mapa.

Mas tudo isso é agravado pelas mudanças climáticas. O aquecimento dos oceanos acelera os fenômenos climáticos. E, de fato, eles têm acontecido com uma frequência cada vez mais perturbadora, ensejando cenas apocalípticas. Chega a constituir uma ironia trágica o fato de que as populações das regiões

mais atingidas continuem a votar em excelências negacionistas das mudanças climáticas.

Enquanto isso, o Congresso Nacional vive um estado de completa alienação ambiental. Em vez de convocar cientistas para debater o que está acontecendo, querem urdir PECs com o objetivo de cercear o STF em reação às investigações contra golpistas ou à decisão de declarar a inconstitucionalidade do Marco Temporal, chicana jurídica para invadir a terra dos índios.

Como disse uma antropóloga, o futuro dos índios se confunde, neste momento da história, com o futuro da humanidade. Não sei em que planeta vive esse segmento porque parece ser cometido de uma alienação ambiental monstruosa. Não consegue ver nem

perceber o que está acontecendo no Brasil e no planeta.

Os indígenas estão protegendo as florestas não apenas para o próprio deleite, mas também para as pessoas que vivem nos centros urbanos e para os agricultores. Sem a preservação das nossas matas a vida nas cidades se transformará em um inferno, o ciclo das chuvas será afetado e não haverá água para plantar no campo.

Basta olhar para as tevês para vislumbrar um trailer do que acontecerá no futuro se não forem tomadas decisões urgentes para uma realidade que avança em dramática contagem regressiva. É preciso votar em candidatos que tenham consciência do meio ambiente e pressionar as excelências que já se elegeram.

» Entrevista | FRANK VENÂNCIO | NEUROLOGISTA

Ao *CB.Saúde*, médico explica as complicações que permanecem, mesmo após a cura da doença. Entre elas, dores de cabeça e no corpo. Especialista também fala sobre a chikungunya, que pode causar sensibilidade nas articulações e artrite

Dengue pode deixar sequelas

» GIULIA LUCHETTA

A infecção por doenças transmitidas pelo mosquito *Aedes aegypti* pode acarretar sequelas, como a exacerbção de dores, sendo a mais comum a de cabeça. É o que explicou Frank Venâncio, neurologista especialista em dor. Ao *CB.Saúde* — parceria entre *Correio* e TV Brasília —, o médico e sócio-fundador da *Iaso Medicina da Dor* disse que

a chikungunya, apesar da menor incidência, não é menos dolorosa quando se trata das complicações posteriores. As jornalistas Sibeile Negromente e Mila Ferreira, o especialista completou que é essencial investigar quando a dor de cabeça é sinal de alerta para dengue, para AVC (acidente vascular cerebral), ou se trata somente uma cefaleia primária, como é a enxaqueca.

Uma das sequelas da dengue é a dor de cabeça. Por que isso acontece?

Quando falamos de uma doença viral como a dengue, é muito comum que o paciente desenvolva uma resposta inflamatória exagerada, porque o corpo está tentando lutar contra aquele vírus para controlar a infecção. Às vezes, infelizmente, essa inflamação que deveria estar protegendo a pessoa acaba por causar alguns danos. Em alguns casos, esse dano ocorre no sistema neurológico. Isso pode ocorrer tanto na fase aguda da dengue, de cinco a sete dias de infecção, quanto nas fases mais tardias. Na fase aguda, a dengue pode comprometer o sistema nervoso e levar o paciente a ficar com sonolência, confusão, com dor de cabeça intensa, muitas vezes, e até desenvolver quadros de meningite ou encefalite. Na fase tardia, de duas semanas até meses depois da infecção, o paciente pode desenvolver desde paralisias

a sintomas mais discretos, mais subjetivos, como a dor de cabeça que, frequentemente, acompanha a infecção viral da dengue, mas pode persistir ao longo do tempo.

Quais são as outras sequelas que a dengue pode deixar?

Com a infecção da dengue pode ocorrer exacerbção de outras dores — articulares, musculares e até fibromialgia em pessoas que já têm alguma predisposição.

A dor de cabeça constante pode ser uma predisposição para o AVC?

A dor de cabeça pode ser um sinal de alarme para uma pessoa que vai desenvolver um AVC, por exemplo, um AVC hemorrágico com a ruptura de um vaso sanguíneo. Nesses casos, a chamamos de cefaleia sentinela, na qual ela pode ser um sinal. Além disso, a dor de cabeça pode estar relacionada a uma trombose de

Kayo Magalhães/CB/D.A Press



Aponte a câmera e acesse o conteúdo completo

uma veia cerebral. Para uma pessoa que nunca teve dor de cabeça e começa a ter de uma hora para outra, é extremamente importante que essa dor seja investigada, não apenas tratada. Em pacientes que têm dor de cabeça crônica com frequência, investigamos a

dor e não encontramos absolutamente nada como causador, nenhuma alteração nos exames de imagem, nada que possa justificá-la, nesses casos, a chamamos de cefaleia primária, e a enxaqueca é uma delas.

O paciente que já teve dengue e continua sentindo muita dor de cabeça deve fazer o quê?

Procurar um especialista, com certeza. O primeiro passo antes de tratar a dor do paciente é sempre ter um diagnóstico correto, preciso, porque uma das complicações neurológicas da dengue é a trombose cerebral. Como a dengue altera o sistema de

coagulação, o paciente pode tanto ter uma trombose quanto sanar. Uma vez descartadas essas causas, que chamamos de secundárias, e a depender do perfil da dor de cabeça, existem medicações que podem melhorá-la. O botox é uma delas, dependendo da gravidade.

A chikungunya é outra doença que está crescendo em incidência no DF. Entre os principais sintomas estão as dores nas articulações.

De 80% a 90% dos pacientes que têm chikungunya sofrem uma dor articular de forte intensidade, chamada no meio

científico de artralgia. A tendência natural da artralgia é melhorar com o tempo. É claro que, com o tratamento, diminuímos a chance disso persistir e também deixamos todo o processo mais confortável para o paciente. Em alguns casos mais raros, o paciente desenvolve artrite, e pode ter inchaço nas articulações, vermelhidão, o que é visível. Além disso, a articulação pode ficar quente ao toque. No caso específico da artrite, é importante que o paciente acompanhe com o reumatologista, médico especialista em doenças articulares, que terá uma maior capacidade de lidar com o problema.

INFLUENZA

Vacinação é ampliada

» NAUM GILÓ

A campanha de imunização da Influenza foi ampliada para público a partir dos seis meses de idade. São mais de 100 salas de vacina preparadas para receber a população, até o fim dos estoques. A lista completa dos locais, com endereços e horários de atendimento, está disponível no site da SES-DF: saude.df.gov.br.

De acordo com a SES-DF, a oferta segue indicativo do Ministério da Saúde. A campanha começou em 19 de março focada em grupos prioritários. Até 18 de abril, foram 182,2 mil doses aplicadas na rede pública do DF. Mais de 200 mil doses ainda estão disponíveis. A orientação, para pessoas de todas as idades, é levar documento de identidade e, se tiver, a caderneta de vacinação. A equipe irá avaliar todos os esquemas vacinais e oferecer atualização, caso exista algum incompleto.

Mesmo quem já se vacinou contra a gripe nos anos anteriores

deve comparecer, pois, a cada ano, o imunizante é atualizado e passa a proteger contra novas variantes do vírus. Conforme a SES-DF, há somente duas contraindicações para a imunização contra a gripe: os bebês com menos de seis meses completos e pessoas com histórico de alergia grave a ovo. Nesse último caso, o recomendado é que a vacina seja aplicada no Centro de Referência de Imunobiológicos Especiais (Crie), no Hospital Materno Infantil de Brasília (Hmib), sob a supervisão médica.

Além disso, quem estiver gripado deve aguardar o fim dos sintomas para se imunizar. Quem teve diagnóstico de covid-19 precisa esperar 30 dias. E quem teve dengue recentemente ou apresenta síndrome respiratória deve aguardar a remissão dos sintomas.

Dengue

O DF registrou 308 mortes por dengue em 2024, de acordo com

Paulo H. Carvalho/Agência Brasília



Paciente reclamou ao Correio do calor na estrutura montada no estacionamento do ambulatório do HRT

o painel de casos divulgado ontem pelo Ministério da Saúde. O balanço aponta 51 óbitos em investigação e 240.945 casos prováveis da doença na capital.

Pacientes com sintomas da doença procuram unidades básicas de saúde (UBS), unidades de pronto-atendimento (UPA), hospitais e tendas de acolhimento a

pessoas com sintomas da doença. Segundo a Secretaria de Saúde (SES-DF), as 11 novas tendas disponíveis atenderam 17,9 mil pessoas, desde que a primeira foi aberta, em 11 de abril.

Peregrinação

Antônia Poliana, 34 anos,

passou por diversas unidades públicas de saúde até ser atendida na tenda do estacionamento do Hospital Regional de Ceilândia (HRC). A filha dela, de 14 anos, apresentava falta de ar, dor ao respirar, inchaço no peito, dores no corpo e febre desde o último domingo. A peregrinação começou no dia seguinte.

Na UBS 1 de Ceilândia, a adolescente teve uma consulta, na qual foram solicitados exames. Em razão da demora na rede pública, Antônia optou por pagar os exames e gastou cerca de R\$ 150. Com os resultados, retornou a uma UPA, onde, mais uma vez, não foi atendida. Acabou na tenda do HRC e a triagem foi rápida, mas ela está preocupada. “Tenho medo da evolução dos sintomas, principalmente com as dores no corpo e o inchaço. Meu medo é que ela realmente esteja com dengue. No Sol Nascente inteiro está tendo muitos casos”, relata.

A técnica em enfermagem Dayane Pereira Gomes, 45, buscou a tenda instalada no estacionamento do Hospital Regional de Taguatinga (HRT), onde havia tentado atendimento antes. “Estou com sintomas há dois dias, com febre, dor de cabeça e vômito. O atendimento está lento mas estão chamando”, disse. Dayane reclama da temperatura na tenda. “Estou com ardência nos olhos por causa do calor e estou sentindo queda de pressão”, queixou-se.